

## JESUS SOB A ÓTICA MUÇULMANA: UM ESTUDO SOBRE OS PONTOS DE CONTATO E DIVERGÊNCIAS ENTRE O JESUS NO CRISTIANISMO E NO ISLAMISMO.

Fábio de Sousa Neto<sup>30</sup>  
Fernando Alves Palma<sup>31</sup>  
Rogeh Alves Bueno<sup>32</sup>

### RESUMO

O presente trabalho propôs explorar introdutoriamente as representações sobre Jesus Cristo sob a ótica muçulmana ou do islã. Além disso, procurou entender os pontos de contato e possíveis divergências entre as representações sobre Jesus no cristianismo e no islamismo. A hipótese apresentada foi razoavelmente sustentada, pois se afirmou que as representações sobre Jesus de Nazaré no islamismo são específicas, apresentando ao mesmo tempo semelhanças e diferenças. As semelhanças podem ser confirmadas no substrato que forneceu parte do imaginário e linguagem teológica apresentada no Alcorão, além disso, constatou-se as influências do judaísmo e do cristianismo sobre a autoria do livro sagrado do islã. As diferenças são substanciais, sobretudo verificadas na retórica de desconstrução/reconstrução da pessoa de Jesus de Nazaré e conseqüentemente das doutrinas cristãs fundamentais; a cristologia, a soteriologia e a doutrina da Trindade. Se observou a necessidade de revisitar o conceito de Said (1990) de orientalismo, uma vez que a suposta “outra imagem do ocidente” construída pelo próprio ocidente, também seria válida no caso da elaboração dos imaginários do islã. Obviamente as fontes que nutriram tais imaginários também podem ser apresentadas como um reflexo no espelho, a construção da autoimagem a partir de referências judaico-cristãs.

**Palavras-chave:** Jesus Cristo. Islamismo. Muçumano. Cristianismo. Doutrinas cristãs.

### ABSTRACT

The present work proposes to explore introductory representations of Jesus Christ from a Muslim or Islamic perspective. In addition, it sought to understand the points of contact and possible divergences between representations of Jesus in Christianity and Islam. The presented hypothesis was reasonably supported, since

<sup>30</sup> Mestre em História (PUC/GO), pós-graduado em Teologia Sistemática, graduado em História (PUC/GO). Professor e coordenador da Pós-graduação da Faculdade Assembleiana do Brasil (FASSEB).

<sup>31</sup> Acadêmico do curso de Teologia da Faculdade Assembleiana do Brasil – FASSEB.

<sup>32</sup> Mestre em Ciências da Religião (PUC-GO), MBA em Contabilidade, Auditoria e Direito Tributário, Especialista em Gestão Financeira e Controladoria, Especialista em Docência do Ensino Superior, Contador, Administrador e Teólogo. Diretor financeiro da FASSEB.

it was stated that the representations of Jesus of Nazareth in Islam are specific, presenting similarities and differences at the same time. The similarities can be confirmed in the substrate that provided part of the imaginary and theological language presented in the Koran, in addition, it was verified the influences of Judaism and Christianity on the authorship of the holy book of Islam. The differences are substantial, especially in the rhetoric of deconstruction/reconstruction of the person of Jesus of Nazareth and, consequently, of fundamental Christian doctrines; Christology, soteriology and the doctrine of the Trinity. The need to revisit Said's (1990) concept of orientalism was observed, since the supposed "another image of the West" constructed by the West itself would also be valid in the case of the elaboration of the imaginaries of Islam. Obviously, the sources that nourished such imaginaries can also be presented as a reflection in the mirror, the construction of self-image based on Judeo-Christian references.

**Key-words:** Jesus Christ. Islam. Muslim. Christianity. Christian doctrines.

## RESUMEN

El presente trabajo se propone explorar representaciones introductorias de Jesucristo desde una perspectiva musulmana o islámica. Además, buscó comprender los puntos de contacto y las posibles divergencias entre las representaciones de Jesús en el cristianismo y el Islam. La hipótesis presentada fue razonablemente sustentada, ya que se afirmó que las representaciones de Jesús de Nazaret en el Islam son específicas, presentando similitudes y diferencias al mismo tiempo. Las similitudes se pueden confirmar en el sustrato que proporcionó parte del lenguaje imaginario y teológico presentado en el Corán, además, se verificó la influencia del judaísmo y el cristianismo en la autoría del libro sagrado del Islam. Las diferencias son sustanciales, especialmente en la retórica de la deconstrucción/reconstrucción de la persona de Jesús de Nazaret y, en consecuencia, de las doctrinas cristianas fundamentales; Cristología, soteriología y la doctrina de la Trinidad. Se observó la necesidad de revisar el concepto de orientalismo de Said (1990), ya que la supuesta "otra imagen de Occidente" construida por el propio Occidente también sería válida en el caso de la elaboración de los imaginarios del Islam. Obviamente, las fuentes que nutrieron tales imaginarios también pueden presentarse como un reflejo en el espejo, la construcción de una autoimagen a partir de referentes judeocristianos.

**Palabras clave:** Jesu cristo. Islam. Musulmán. Cristiandad. Doctrinas cristianas.

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho propõe explorar introdutoriamente as representações sobre Jesus Cristo sob à ótica muçulmana ou do islã. Além disso, procura entender os pontos de contato e possíveis divergências entre as representações sobre Jesus no cristianismo e no islamismo. Naturalmente, esse é o objeto de pesquisa. A justificativa para o trabalho são as evidências de mal-entendidos recorrentes sob aquilo que Edward W. Said identificou como “orientalismo” (SAID, 1990, p. 13) ou seja, “um exercício de força cultural”, uma composição discursiva produzida pelo ocidente no afã de colocar “as coisas orientais na aula, no tribunal, prisão ou manual para ser examinado, estudado, julgado, disciplinado ou governado” (SAID, 1990, p. 51).

O problema de pesquisa interroga justamente essas representações, ou seja; quais representações sobre Jesus de Nazaré são encontradas no islamismo? Essas representações possuem pontos confluentes entre o cristianismo e o islamismo? Quais os pontos de tensão? Como hipótese provisória defende-se que as representações sobre Jesus de Nazaré no islamismo são específicas, apresentando ao mesmo tempo semelhanças e diferenças em relação a fé cristã.

Optou-se aqui pela pesquisa bibliográfica de natureza qualitativa. Metodologicamente optou-se pelos aportes da Análise de Conteúdo em Bardin (2016), da Análise de Discurso em Orlandi (2015) o que possibilitou o desenvolvimento de uma técnica de pesquisa baseada na construção e de categorias e consequentes inferências. As duas principais fontes exploradas foram os livros sagrados do islamismo e do cristianismo, ou seja, o Alcorão e a Bíblia. A orientação teórica contou com as contribuições de Said (1990), McGrath (2005) Mubarak (2014), Bailey (2016), Williams (2011), entre outros.

Na elaboração da pesquisa, três principais objetivos podem ser elencados; apresentar uma introdução sobre as origens do islamismo e de sua literatura sagrada; refletir sobre a leitura ocidental em relação ao islamismo; explorar as representações sobre Jesus de Nazaré no Alcorão apresentando uma análise crítica dessas representações em comparação com os *insights* do cristianismo. Evidentemente, tais objetivos, correspondem em ordem progressiva aos principais tópicos deste artigo. Notadamente a pesquisa se caracteriza pela

interdisciplinaridade convocando o *métier* da historiografia, da Análise de Discurso e da Teologia. As áreas tangenciadas no campo da teologia são; a teologia bíblica e exegética, a teologia sistemática, histórica e mesmo a apologética.

## 1. UMA INTRODUÇÃO ÀS ORIGENS DO ISLÂMISMO E SUA LITERATURA SAGRADA.

Segundo Mubarak (2014), há diferença conceitual entre os termos muçumano e islamismo. O primeiro diz respeito aos crentes, ao conjunto daqueles “que professam a fé da religião conhecida como Islamismo. A ideia é que o muçumano autêntico se submete aos desejos de *Allah* (palavra árabe usada para Deus – algo correspondente ao termo *Elohim* em hebraico” (MUBARAK, 2014, p. 6). Quanto ao segundo, designa a religião. Deriva da “palavra *Islã*”, cuja origem em árabe significa “submissão” (ibidem, p. 6).

A fundação da religião islâmica está associada à figura de *Mohammed* (c. 570 – c. 622), um membro pobre da tribo dos coraixitas nascido na cidade de Meca na Arábia Saudita (MUBARAK, 2014, p. 9). Foi criado por um tio devido a morte precoce de seu pai Abdullah. Herdou a profissão do tio se tornando comerciante de caravanas. Sua ascensão econômica ocorreu devido ao casamento com uma viúva abastada por nome *Khadija* que era sua empregadora, proprietária de uma grande caravana. Suas atividades comerciais provavelmente possibilitaram o contato com o judaísmo e o cristianismo.

Com a estabilidade econômica, *Mohammed*, cuja espiritualidade também fora influenciada por seu avô e pelos místicos árabes de seu tempo, começou a prática de subir em montes para a prática da oração e do jejum. O lugar especialmente escolhido foi o monte Hira nos arredores de Meca. Esse espaço sagrado para o *Islã* teria sido o local onde seu fundador teria tido sua primeira grande epifania, onde numa caverna alegou ter sido visitado por uma entidade pneumática. Esse foi o ponto de partida de sua literatura sagrada, o Alcorão.

Mubarak (2014) registra que tais seres pneumáticos eram reconhecidos na literatura árabe como “*jins*”, “palavra persa que significa espírito, associada a demônios”, contudo, *Mohammed* teria afirmado que a entidade se chamava Gabriel, um anjo mencionado pelos judeus e cristãos e que, portanto, teria aparecido “em nome do mesmo Deus que os judeus e os cristãos adoravam.

*Mohammed* chamou a este Deus, Allah” (RICHARDSON, 2007, p. 28, *apud*, MUBARAK, 2014, p. 10). Conforme Amado (2019), em termos de um diálogo transcultural menos combativo entre cristão e muçulmanos é preferível afirmar que *Mohammed*:

era filho da sua época e que, durante sua juventude e também na sua fase adulta, teve contato com judeus e cristãos, escutou suas histórias religiosas e que, apesar de suas imperfeições, cria (equivocadamente) que tinha a missão divina de pregar aos árabes (que ainda não possuíam as Escrituras Sagradas em seu próprio idioma) aquilo que já havia sido revelado a judeus e cristãos (AMADO, 2019, p. 4)

O Alcorão ou Corão, é a principal literatura e considerado o livro sagrado do Islamismo. Se trata de um compilado de anotações feitas com base em recitações de Maomé (BONATTI, 2011, p. 152). Segundo a crença muçulmana, estes ensinamentos foram revelados de forma sobrenatural, em experiências epifânicas entre *Muhammad* (Maomé, em português) e o Arcanjo Gabriel. Maomé por ser iletrado transmitia seus pensamentos que, após sua morte, foram compilados por seus seguidores, durante o califado de Omar (650 d.C.) resultando assim no texto canônico adotado pelo islamismo.

O Alcorão foi originalmente escrito em árabe e “é dividido em 114 capítulos chamados suratas que, por sua vez, são compostas por 6.219 versículos em sua versão canônica” (ibidem, p. 152). Os versículos (*ayat*) podem variar de acordo com cada edição. Mubarak (2014) registra que as representações dos acadêmicos islâmicos são tão elevadas sobre seu livro sagrado que chegam a afirmar “que o Corão é uma cópia do livro original que está no céu” (MUBARAK, 2014, p. 6).

Por volta do ano 622 da era cristã, teve início a peregrinação de Mohammed para Medina, evento conhecido entre os islâmicos como “Hégira” (migração), marcando o início da era muçumana. Medina em um período curto de tempo se torna a primeira capital da fé islâmica. Seu fundador morreu no ano de 632 da era cristã quando se organizava para sair em Jihad (guerra santa) “contra os hereges (sobretudo, cristãos e judeus)” (MUBARAK, 2014, p. 12). Por falta de espaço, outras narrativas sobre a biografia de Mohammed e a formação do Islã foram omitidos. Os recortes são necessários mesmo admitindo, evidentemente o

empobrecimento da narrativa. Na sequência abordaremos parte da leitura ocidental sobre o mundo islâmico.

## 2 A LEITURA OCIDENTAL SOBRE O ISLAMISMO NA ATUALIDADE

Com o aumento e o fortalecimento bélico de algumas seitas extremistas muçulmanas, a fé islâmica, tem sido vista, cada vez mais, como uma religião violenta e intolerante, antagônica aos princípios deixados por Jesus, este, reconhecido como a pedra fundamental do cristianismo. Obviamente as representações de violência sob a *jihad* marcaram a história do islamismo, sobretudo, em relação aos judeus e cristãos.

Isso também fora reforçado durante a idade média quando os árabes tomaram os principais centros da fé cristã no oriente como Alexandria (África), Antioquia (Síria) e mesmo Jerusalém. O confronto entre os Francos e os Omíadas marcou definitivamente as relações históricas entre cristãos e muçulmanos, quando Carlos Martel (c. 688– c. 741), saiu vencedor na batalha de Poitiers (c. 732) (GONZÁLEZ, 2011, p. 307). Esse evento serviu ao longo do tempo como pano de fundo narrativo de boa parte da literatura ocidental e refletiu diretamente no amplo espectro da cultura, como se nota nas representações contemporâneas sob o calendário cultural goiano com as festas das Cavalhadas, símbolo das campanhas militares do Ocidente cristão contra o avanço do Islã (SOUSA NETO, 2021, p. 15).

Contudo, aproximando mais de nossos contextos, o ataque às torres gêmeas do complexo de edifícios do *World Trade Center* ocorrido aos 11 de setembro de 2001 em Nova Iorque possivelmente reforçou os estereótipos e com certeza deflagrou a chamada “guerra ao terror”. O então presidente Norte Americano George W. Bush não hesitava em utilizar linguagem religiosa em sua política externa voltada à “guerra ao terror”. De fato, como pontuou o jornalista Marcio Aith (2003, s/p): “Bush exhibe [exibiu] a convicção de ser dirigido por uma força divina que dá virtude moral à missão dos EUA no mundo”.

É bom lembrar que a fé de Bush não era exceção entre os presidentes dos Estados Unidos da América, sempre foi a regra. No ano seguinte ao ataque às torres gêmeas, em pronunciamento do Estado da União, o então presidente reforça a chamada doutrina Bush de valoração maniqueísta com a expressão

“eixo do mal” (RESENDE, 2010, p. 15), para se referir aos responsáveis pelos ataques terroristas ou ameaças aos Estados Unidos da América.

Por essa e outras razões, o islã não sendo compreendido de maneira satisfatória, abre margem para o surgimento de preconceitos por outras religiões, principalmente por aqueles que se identificam como cristãos. Todavia, ao contrário do que se pensa pela crença popular, a religião fundada por Maomé, parece não desprezar a figura de Jesus, mas apenas faz uma releitura da vida de Cristo. Essa afirmação vem a reboque da hipótese principal a ser sustentada neste trabalho.

Essa imagem do oriente pintada pelo ocidente não é algo recente. Como concluiu Said (1999) é resultado de um longo processo de dominação e imaginação, um construto discursivo que pretendeu construir uma imagem do oriente como um outro do ocidente. O que pode passar despercebido é o que o próprio Said (1999) desvelou, pois:

O Oriente não está apenas adjacente à Europa: também onde estão localizadas as maiores, mais ricas e mais antigas colônias europeias, a fonte das suas civilizações e línguas, seu concorrente cultural e urna das suas mais profundas recorrentes imagens do Outro. Além disso, o Oriente ajudou a definir a Europa (ou o Ocidente), com sua imagem, ideia, personalidade e experiência de contraste. Contudo, nada desse Oriente é meramente imaginativo. O Oriente é parte integrante da civilização e da cultura materiais da Europa (SAID, 1999, p. 13-14).

Nesse sentido, é bom recuperar o que pontuou o teólogo Kenneth E. Bailey (2016) ao explorar fontes em siríaco, hebraico/aramaico e árabe destacando que elas “têm em comum a cultura mais abrangente do antigo Oriente Médio, e todas elas são etnicamente mais próximas do mundo semita de Jesus do que as culturas grega e latina do Ocidente” (BAILEY, 2016, p. 14). Além disso, de certa forma o islamismo só foi possível por causa das experiências religiosas de judeus e cristãos que nutriram os imaginários do Islã. O próprio *Mohammed* teria sido influenciado positivamente por um judaísmo e cristianismo mais autêntico encontrado no oriente (MUBARAK, 2014, p. 9).

Segundo Lipka (2017), a pesquisa conduzida pelo *Pew Research Center* mostra que o povo muçulmano possui taxa de fertilidade maior do que qualquer outro grupo religioso no mundo e isso levará o islamismo a ser a maior religião até 2050. Neste sentido faz-se necessário ao cristão entender melhor suas crenças,

em especial às que são relacionadas ao cristianismo em si. Hamilton (1998), em sua introdução à obra de Ur-Rahim (1998), “Jesus – Um profeta do Islã”, diz:

O autor deste livro, Muhammad 'Ata Ur-Rahim, sentiu de forma muito viva que, se os povos dos países Cristãos tivessem algum conhecimento da fé Islâmica em conjunto com uma visão realista de Jesus — Profeta, a paz esteja com ele — muitos desentendimentos e situações desagradáveis poderiam ser evitados. (HAMILTON, 1998, p. 7).

Nessa perspectiva podemos entender quanto preconceito o islamismo sofre no decorrer dos tempos por elementos dentro da tradição cristã. É fato que alguns grupos extremistas (seitas) da religião, que praticam atos terroristas com base em interpretações radicais de seu livro sagrado, geram pavor e pânico ao redor do mundo, todavia não se deve generalizar estes atos à toda uma cultura religiosa. Isso provavelmente também ocorre no islã, numa leitura à contrapelo do Orientalismo de Said (1999).

Pode se afirmar que muitos cristãos acreditam que o islamismo rejeita completamente a figura de Jesus, o que não é uma verdade, haja vista que Jesus é mencionado de forma abundante em diversas literaturas muçulmanas, incluindo sua principal literatura, o Alcorão. Segundo Ur-Rahim (1998), o Alcorão não só fala sobre Jesus, mas o trata com extremo respeito e amor. Cabe ao cristão então, entender a visão do islã sobre Jesus, para tentar erradicar qualquer forma de preconceito e intolerância religiosa, desvelando, portanto, uma apreciação mais honesta. É exatamente isso que tentaremos fazer a seguir.

### **3 JESUS SEGUNDO O ALCORÃO: PONTOS DE CONTATO E DISTANCIAMENTOS DA LEITURA BÍBLICA-CRISTÃ.**

A figura de Jesus é amplamente mencionada no Alcorão. Jesus Cristo é tratado como um profeta de grande relevância, equiparado a outros profetas já conhecidos no judaísmo e no cristianismo como Moisés e Abraão. As declarações abaixo atestam essa afirmação:

Creemos em Allah, no que nos tem sido revelado, no que foi revelado a Abraão, a Ismael, a Isaac, a Jacó e às tribos; no que foi concedido a Moisés e a Jesus e no que foi dado aos profetas por seu Senhor; não fazemos distinção alguma entre eles, e a Ele nos submetemos. (ALCORÃO - Sura 2.136)

Há pontos interessantes de aproximação entre as narrativas apresentadas nas duas literaturas sagradas; a Bíblia e o Alcorão. Por exemplo, o nascimento de Jesus é mencionado no Alcorão como um evento miraculoso, muito semelhante à narrativa bíblica, onde Maria concebe um filho sendo ainda virgem (ALCORÃO, sura 21:91 e 66:12). Cabe ressaltar que Maria, é a única mulher citada pelo nome em todo o livro, reforçando sua importância e a do próprio Jesus na crença muçulmana. João Batista também é citado no ministério de Jesus, de maneira análoga à passagem bíblica encontrada no primeiro capítulo de Lucas (ALCORÃO, Sura 3: 33-37). Os milagres realizados por Jesus são citados no Alcorão (Sura 5.110), mesmo assim, a dignidade de Jesus não ultrapassa o *status* de profeta.

### 3.1 A pergunta sobre Jesus de Nazaré.

Apesar de todos estes elementos comuns entre a Bíblia e o Alcorão, a literatura sagrada do islamismo enfatiza veementemente a natureza humana de Jesus em detrimento da imagem bíblica de Cristo como Filho de Deus. Certamente este é o maior ponto de tensão entre ambas as religiões. É sabido que na tradição cristã a resposta à pergunta sobre quem é Jesus de Nazaré é o ponto nodal da fé.

Como pontua Alister McGrath (2005), o primeiro *insight* doutrinário a ser claramente desenvolvido dizia respeito à pessoa de Jesus, à cristologia. Foi a partir da pergunta sobre quem é Jesus de Nazaré que toda doutrina de Deus foi posteriormente codificada. Dizia: “Somente quando a divindade de Cristo pôde ser encarada como um ponto de partida, comum e indubitável, foi possível dar início à especulação teológica sobre a natureza de Deus” (MCGRATH, 2005, p. 56).

A controvérsia ariana (sec. IV) geralmente é encarada como a mola propulsora para a definição da cristologia e conseqüentemente da doutrina da Trindade. Em meio a teologia especulativa de matriz grega, Atanásio (c. 296 – c. 373) recorre à regra de fé, às Escrituras para responder à pergunta por Jesus de Nazaré. Atanásio entendeu que o avanço do arianismo colocava a fé cristã numa posição bastante sensível, capaz mesmo de destruí-la. Se a negação da divindade de Cristo, ou de suas duas naturezas fosse a proposta vencedora em

Nicéia, logo, não haveria mais nenhum futuro para o cristianismo. Jesus é a base, o fundamento no qual o edifício da fé cristã foi erigido.

Sobre isso, os *insights* bíblicos têm muito a dizer e eles são muitos, à exemplo das declarações do próprio Jesus: “Eu e o Pai somos um” (ARA – Jo 10:30), “[...] antes que Abraão existisse, eu sou” (Jo 8:58). Até a forma como Jesus orava são indícios da autoconsciência de sua divindade, dizia: “e, agora, glorificame, ó Pai, contigo mesmo, com a glória que eu tive junto de ti, antes que houvesse mundo” (ARA – João, 17:5). Contudo, o texto mais emblemático certamente é o prólogo de João: “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus” (ARA – Jo 1:1).

Quanto Atanásio (c. 296 – c. 373) se dispôs a enfrentar os desafios da ortodoxia cristã, mesmo que tal atitude tivesse consequências desagradáveis, ele o fez em perspectiva bíblica, em fidelidade à revelação posta nas Escrituras. Essa é a principal interrogação do Novo Testamento e que de forma retórica foi respondida por Jesus e atestada pelos discípulos, como destaca a narrativa evangélica:

Indo Jesus para os lados de Cesareia de Filipe, perguntou a seus discípulos: Quem diz o povo ser o Filho do Homem?

E eles responderam: Uns dizem: João Batista; outros: Elias; e outros: Jeremias ou algum dos profetas.

Mas vós, continuou ele, quem dizeis que eu sou?

Respondendo Simão Pedro, disse: Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo. Então, Jesus lhe afirmou: Bem-aventurado és, Simão Barjonas, porque não foi carne e sangue que to revelaram, mas meu Pai, que está nos céus.

Também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela. (ARA – Mt 16:13-18).

Nota-se, portanto, que a pedra angular da Igreja Cristã é o próprio Jesus Cristo, evidenciada na resposta à pergunta sobre quem é Jesus de Nazaré. Sem a doutrina da divindade de Cristo todas as outras doutrinas não se sustentam, incluindo a doutrina da salvação, a soteriologia. Como atestou Atanásio (c. 296 – c. 373), se Cristo não é Deus, logo estamos todos perdidos, pois somente um Deus pode salvar a humanidade perdida (MCGRATH, 2005, p. 402).

As evidências encontradas no Alcorão, embora apontem para a importância de Jesus, o destaque é para sua humanidade. No verso 253 da segunda Surata, podemos ter clareza sobre a humanidade de Jesus para o islã,

ao ser tratado como “filho de Maria”, um mensageiro e um profeta que foi fortalecido com o Espírito. Certamente não é exatamente isso que a fé cristã endossa.

O exceto bíblico confirma que até mesmo os adversários de Jesus entenderam o sentido de suas declarações de ser “Filho de Deus” em acepção exclusiva, como afirma o texto: “Por isso, pois, os judeus ainda mais procuravam matá-lo, porque não somente violava o sábado, mas também dizia que Deus era seu próprio Pai, fazendo-se igual a Deus” (Jo 5:18). Portanto, explicita-se na literatura cristã fiel à regra de fé, a afirmação de que Jesus possui a mesma natureza divina, como entenderam os pais no símbolo de Calcedônia: “consubstanciai (*ομοούσιος*) com o Pai, segundo a divindade, e consubstanciai (*ομοούσιος*) a nós, segundo a humanidade” (In: GRUDEM, 1999, p. 996). Vejamos, no entanto, o que diz o Alcorão:

De tais **mensageiros** preferimos uns mais que a outros. Entre eles, se encontram aqueles a quem Allah falou, e aqueles que elevou em dignidade. E concedemos a Jesus, **filho de Maria**, as evidências, e o **fortalecemos com o Espírito da Santidade**. (ALCORÃO – Sura 2.253, grifo meu).

Nota-se, portanto, que a humanidade de Jesus é destacada, suas atividades proféticas afirmadas, um tipo de narrativa que funciona num duplo movimento. Enquanto valoriza alguns pontos da personalidade e biografia de Jesus, como sua dignidade de mensageiro de Allah, isso acaba servindo como artifício retórico para negar sua divindade.

O islamismo introduz uma estrutura que poderíamos chamar de “mensageiros em cascata”. Onde, o já mencionado João (o batista), vem como primeiro mensageiro anunciar Jesus, que por sua vez tem como uma de suas funções anunciar um próximo mensageiro, Ahmad (Maomé ou *Mohammed*):

E de quando Jesus, filho de Maria, disse: Ó israelitas, em verdade, sou o mensageiro de Allah, enviado a vós, corroborante de tudo quanto a Tora antecipou no tocante às predições, e alvissareiro de um Mensageiro que virá depois de mim, cujo nome será Ahmad! (ALCORÃO – Sura 61.7)

Segundo Silveira (2021), a tradição muçulmana atribui à Maomé, como sendo este mensageiro anunciado por Jesus. Notadamente, em termos comparativos Jesus não seria diferente de *Mohammed*, apenas um mensageiro

entre tantos outros. Entretanto, ao contrário da suposta afirmação islâmica sobre a importância superior ou equivalente de Jesus Cristo, as evidências encontradas no Alcorão apontam para outra situação; do primado de Maomé, atestado pela expressão corrente “o profeta” para se referir ao mesmo. A expressão “Crede, pois, em Allah e em Seu Mensageiro, o Profeta iletrado” (Surata 7, p. 157) exhibe exatamente esse primado, exigindo adesão absoluta à autoridade de Maomé.

### 3.2 A doutrina da Trindade

Um dos pilares do cristianismo é a doutrina da Trindade, onde Jesus é um com Deus, o Pai e com o Espírito Santo. Como dito, a doutrina foi melhor desenvolvida tendo como ponto de partida a cristologia, a pergunta sobre Jesus de Nazaré. O que se observa no cristianismo é que todas as doutrinas fundamentais estão conectadas, incluindo a doutrina da salvação. O dogma da Trindade, portanto, está associado à cristologia e a soteriologia e se constitui como o ponto nodal da fé cristã. Sobre isso pontua Sousa Neto (2023).

A doutrina da Trindade é a verdade central da fé Cristã. É o elemento distintivo entre o cristianismo bíblico e qualquer outro sistema religioso positivado, ou seja, apresentado sob a forma de dogma ou codificação doutrinária. A base ortodoxa do cristianismo em suas variadas expressões ou confessionalidades possuem em comum a afirmação de que há um só Deus subsistindo em três Pessoas, ou seja, afirma-se uma tripessoalidade em Deus, ao mesmo tempo em que se recusa um triteísmo (SOUSA NETO, 2023, p. 38).

Como já observado, o Alcorão não reconhece Jesus como Filho de Deus, não possui uma natureza divina, logo, a doutrina da Trindade, além de ser rejeitada é severamente criticada. Isso se evidencia no texto da quarta surata:

Ó adeptos do Livro, não exagereis em vossa religião e não digais de Allah senão a verdade. O Messias, Jesus, filho de Maria, foi tão somente um mensageiro de Allah e o Seu Verbo, com o qual Ele agraciou Maria por intermédio do Seu Espírito. Crede, pois, em Allah e em Seus mensageiros e não digais: Trindade! Abstende-vos disso, que será melhor para vós; sabeis que Allah é Uno. Glorificado seja! Longe está a hipótese de ter tido um filho. A Ele pertence tudo quanto há nos céus e na terra, e Allah é mais do que suficiente Guardião. O Messias não nega ser um servo de Allah, assim como tampouco o fizeram os anjos próximos (de Allah). Mas (quanto) àqueles que desdenharam adoração a Ele e se ensoberbeceram, Ele os congregará a todos ante Si. (ALCORÃO – Sura 4.171-172).

A palavra Trindade aparece apenas duas vezes no Alcorão seguida de sérias advertências de juízo sobre os “incrédulos”. Afirmar o verso 73 da quinta surata: “São blasfemos aqueles que dizem: Allah é um da Trindade! [...]. Se não desistirem de tudo quanto afirmam, um doloroso castigo açoitará os incrédulos entre eles”.

### 3.3 A morte e ressurreição de Jesus

A fé islâmica crê que Jesus não foi morto na cruz, mas confundido com outra pessoa, como podemos observar na terceira surata:

E por dizerem: Matamos o Messias, Jesus, filho de Maria, o Mensageiro de Allah, embora não sendo, na realidade, certo que o mataram, nem o crucificaram, mas o confundiram com outro. E aqueles que discordam quanto a isso estão na dúvida, porque não possuem conhecimento algum, mas apenas conjecturas para seguir; porém, o fato é que não o mataram. Outrossim, Allah fê-lo ascender até Ele, porque é Poderoso, Prudentíssimo. Nenhum dos adeptos do Livro deixará de acreditar nele (Jesus), antes da sua morte, e, no Dia da Ressurreição, testemunhará contra eles. (ALCORÃO – Sura 3.157-159).

Como é possível perceber, no Alcorão Jesus, teria sido arrebatado pelo próprio Deus sem sofrer a pena de morte. Segundo Ur-Rahim (1998), a traição de Judas Iscariotes, é similar à narrativa bíblica (Mateus 26.36-55, Lucas 22.39-52), até o ponto da execução do plano em si, onde Judas deveria beijar Jesus para indicá-lo aos guardas, fato este que não se concretizou por alguma espécie de tumulto naquela noite que resultaria na prisão errônea de Judas no lugar de Jesus.

[...] a dramática reviravolta dos acontecimentos satisfaz toda a gente. A maior parte dos judeus estava feliz por, devido a um milagre, o traidor estar sentado no banco dos acusados, em vez de Jesus. Os judeus pro-romanos estavam contentes, porque, com a morte de Judas, a prova da sua culpa iria ser destruída. (UR-RAHIM, 1998, p. 37).

Como é possível perceber, as representações encontradas no Alcorão sobre Jesus de Nazaré, embora simpáticas, não são idênticas aos *insights* bíblicos, à regra de fé, às doutrinas elementares da fé cristã como; as duas naturezas de Cristo, a divindade de Jesus, a doutrina da salvação, a doutrina de Deus, e, especificamente a doutrina da Trindade.

#### 4 UMA ANÁLISE CRÍTICA DAS REPRESENTAÇÕES DE JESUS NO ALCORÃO.

Além da revisão bibliográfica do tema, com foco nos livros sagrados do islamismo e do cristianismo, esta pesquisa utilizou como método auxiliar, análise categorial, definida por Bardin (2016) da seguinte forma:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 2016, p. 48).

Desta maneira, realizou-se uma pesquisa da incidência dos principais termos que rodeiam o nome de Jesus dentro do Alcorão e em seguida uma análise crítica concatenada com o contexto histórico, político e religioso, principalmente na fase inicial da religião islâmica. Na verdade, foram construídas categorias de análise, tomando como ponto de partida o próprio nome “Jesus”. Outros recursos importantes foram utilizados contanto com os aportes da Análise de Conteúdo e da Análise de Discurso.

À medida em que o nome transformado em categoria de análise aparecia nas fontes, outras categorias eram elaboradas em razão das ligações evidentes. Coincidentemente, tais categorias também são do tipo teológicas, como a expressão “Messias”, ou “filho de Maria”. A versão do Alcorão adotada nesta pesquisa foi a versão de todas as *suratas* 1-114 em língua portuguesa intitulada “Os Significados dos Versículos do Alcorão Sagrado” traduzido por Samir El Hayek, publicado originalmente em 2017 pela *Goodword Books*. Dito isso, segue na sequência, uma tabela com as principais categorias encontradas, cujas correspondências possuem implicações conceituais e teológicas.

##### Quadro 1. Categorias construídas com base na Análise de Conteúdo.

CATEGORIAS CONSTRUIDAS A PARTIR DA ANÁLISE DE CONTEÚDO		
Categorias <sup>33</sup>	Recorrência	Surata/sura
Jesus (categoria mestra)	29	2.7; 2.136; 2.253; 3.45; 3.52,54,55, 59, 84; 4.157, 159, 163, 171; 5.46, 78, 110, 112, 114,

<sup>33</sup> A categoria mestra é a principal e diz respeito diretamente ao objeto de pesquisa. As demais categorias são derivadas.

		116. 6.85; 19.84; 33.7; 42.13; 43.59, 61, 63; 58.27; 61.6, 14.
<b>Filho de Maria</b>	17	2.87; 3.45. 4.156. 5.17, 46, 72, 75, 78, 112, 116; 19.34; 23.50; 33.7; 43.57; 58.27; 61.6, 14.
<b>Messias</b>	11	3.45; 4.157, 171,172. 5.17 (2x), 72 (2x),75; 9.30,31
<b>Mensageiro (de Allah)</b>	8	2.87, 252, 3.49; 4.157, 171; 5.75; 58.27; 61.6.
<b>Seu Verbo</b>	3	3.38, 45; 4.171
<b>Filho de Allah</b>	2	9.30 (2x)
<b>Trindade</b>	2	4.171; 5.73

Quadro construído pelos autores a partir da exploração do Alcorão.

Antes de apresentar os resultados da pesquisa, as categorias encontradas no Alcorão, iremos recuperar os resultados de pesquisa de outro investigador. Segundo Caraballo (2014), o nome de Jesus é mencionado no Alcorão em 13 capítulos e 33 versículos. A soma total é de vinte e cinco recorrências, cinco vezes mais do que o nome de *Mohammed*. Entretanto, o autor destaca o fato de que Jesus nunca é mencionado como Filho de Deus e não há nenhuma evidência de sua divindade. O excerto abaixo é representativo dessa abordagem:

E quando os anjos disseram: Ó Maria, Allah te anuncia o Seu Verbo, cujo nome será o Messias, Jesus, filho de Maria, nobre neste mundo e no outro, e que se contará entre os próximos de Allah. (Sura 3.45)

Destas menções, dezesseis vezes, o nome Jesus é sucedido pelo termo “*Ibn Maryam*” (filho de Maria). Em outras 7 situações, apenas o termo “filho de Maria” é utilizado, sem sequer haver menção do nome de Jesus. Isso sugere um esforço do autor em desconstruir os *insights* cristãos sobre Jesus como filho de Deus, limitando-o à natureza meramente humana, ainda que profética. Esse esforço “desconstrucionista” pode apontar para às relações de poder, uma vez que o islamismo surgiu em um contexto de hegemonia cristã no mundo romano.

O cristianismo já possuía cerca de cinco séculos de existência, os livros canônicos cristãos circulavam, o período de marginalidade da igreja estava esquecido, e desde 380 d.C. o imperador Teodósio I (c. 347– c. 395) tinha elevado o cristianismo ao *status* de religião oficial do Estado (WALKER, 2015, p. 172). Além disso, os principais dogmas da fé cristã estavam amadurecidos e a era patrística havia produzido os gigantes intelectuais da fé cristã. Embora no

Ocidente o poder imperial estivesse em colapso, o Império Oriental era pujante e mesmo os povos germânicos experimentaram um acelerado processo de cristianização. Sem nenhuma dúvida o cristianismo era uma das religiões mais fortes e imponentes da época.

Algo ainda a ser considerado é o fato de o cristianismo reclamar como seu fundador e pedra fundamental não um homem comum, mas o próprio filho de Deus. Logo, o islã não iria ter êxito se propusesse desmontar e desacreditar a figura de Jesus de maneira agressiva. Era necessário então, uma reconstrução da personalidade de Jesus de maneira sutil e respeitosa, a fim de atrair a simpatia de seguidores. Entretanto, esse movimento de desconstrução/reconstrução, possui pontos frágeis, e serão elencados abaixo:

### ***Os discípulos de Jesus***

Jesus é dado com um grande profeta, com grandes feitos, todavia, os seguidores de Jesus, segundo o Alcorão (Sura 57.27), se desviaram do que lhes foi ensinado e adentraram numa “vida monástica inventada”, se referindo ao cristianismo. Essas duas realidades não se convergem, pois é difícil entender como alguém tão grandioso como Jesus havia falhado miseravelmente com a parte de sua missão de deixar discípulos. Entretanto, a crítica ao monasticismo não deixa de ser interessante, uma vez o pensamento teológico oriental sob influência do neoplatonismo parece ter orientado algumas práticas monásticas.

### ***A distância de Maomé do século***

O marco simbólico de fundação do islamismo possui uma distância temporal de mais de cinco séculos da atuação ministerial de Jesus de Nazaré, não havendo nenhuma ligação direta de Maomé com Cristo ou com os Apóstolos. Logo, desacreditar os discípulos diretos de Jesus, a literatura canônica do cristianismo, é o mesmo que desacreditar o próprio Jesus.

### ***O uso da pessoa de Jesus de Nazaré como um anunciador de Maomé***

Essa reconstrução da figura de Jesus, aproveitando os seus feitos e notório peso divino, em um profeta anunciador de Maomé, além de não romper

de forma abrupta com o cristianismo, poderia ter gerado credibilidade para o próprio Maomé e a fundação do islamismo, até mesmo entre cristãos.

### ***As fontes duvidosas do Islã: o evangelho de Barnabé***

A principal fonte utilizada pelo islã para reconstruir/desconstruir a imagem de Jesus é curiosa. O texto não é reconhecido como canônico por inúmeras razões. A crítica textual aponta que o documento é uma “falsificação piedosa”, produzida provavelmente por “um autor islâmico que viveu nos primórdios do islamismo, ainda no século 7 da era cristã” (REDONDO, 2013, s/p), cujo objetivo era prover uma versão própria sobre a pessoa de Jesus Cristo, reforçando a ideia de que fora um anunciador de Maomé. A análise da obra apresenta certos “arabismos”, ou “islamismos” que acabam denunciando à fonte original como a presença de designativos para Allah, reconhecido como “misericordioso”, ou seja: “Um dos aspectos centrais da fé islâmica é a crença num Deus misericordioso, e esse detalhe se destaca no Evangelho de Barnabé” (ibidem, s/p).

Mesmo assim, o documento é utilizado pelo islamismo para defender a tese de que Jesus não fora crucificado. Além, é claro, de ser extremamente conflitante com outros documentos da igreja antiga e com os livros canônicos que compõem o Novo Testamento. Entretanto, a literatura apócrifa atribuída a Barnabé não nega a natureza divina de Jesus, tão pouco a doutrina da Trindade.

#### **4.1 Explorando o quadro categorial da pesquisa.**

A partir daqui retomaremos o quadro categorial construído durante a exploração da fonte, cujas inferências serão produzidas no cruzamento entre orientação teórica e exercício metodológico que inclui Análise de Conteúdo e Análise de Discurso. Vejamos.

O nome Jesus foi utilizado como categoria analítica cujo indicador corresponde a recorrência da palavra do Alcorão. Diferente dos resultados obtidos por Caraballo (2014), o indicador dessa categoria em nossa pesquisa é de 29 recorrências. Talvez a diferença seja em razão da tradução utilizada em português. Em concordância com Caraballo (2014), a segunda maior categoria é “Filho de Maria”, aparecendo 17 vezes na fonte. Outras recorrências no quadro

categorico em ordem decrescente são: Messias, 11; Mensageiro (de Allah), 8; Seu Verbo, 3; filho de Allah e Trindade, 2 recorrências cada.

Embora a Análise de Conteúdo não trabalhe com a opacidade da linguagem, com o “não dito”, outro tipo de recurso teórico metodológico ajuda; a Análise de Discurso. Segundo Orlandi (2015) esse recurso é importante pois leva em consideração “sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história”, além do “complexo processo de constituição desses sujeitos e constituição de sentidos e não meramente transmissão de informação (ORLANDI, 2015, p. 19). Outra questão importante na Análise de Discurso é a intertextualidade, ou seja, a: “relação de um texto com outros textos” (ORLANDI, 2015, p. 32).

Nesse ponto, após explorar a fonte com o subsídio da Análise de Conteúdo, consideraremos nas inferências, as orientações acima concebidas sob a Análise de Discurso. Vejamos. Como era de se esperar, todas as categorias estão relacionadas. O ponto de partida é o substantivo Jesus transformado na principal categoria de análise e exploração. A frequência dessa categoria mestra já aponta para o que a Análise de Discurso desvela em termos de “sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história” (ibidem, p. 19). O autor da literatura sagrada do islamismo foi inevitavelmente afetado pela história de Jesus de Nazaré e pelo contexto de hegemonia cristã entre a antiguidade tardia e a Idade Média.

Outra questão inerente diz respeito aos Judeus. Embora essa categoria não tenha sido registrada, não foi ignorada. O judeu aparece como aqueles que “receberam o livro” (Sura 2.100), mas sua apreciação quase sempre é negativa como se pode perceber na Surata 5.82: “Constatarás que os piores inimigos dos crentes, entre os humanos, são os judeus e os idólatras”. Os judeus também são censurados “por praticarem a usura” (Sura 4.161) e se associarem aos idólatras (Sura 5.80). Em termos da Análise de Discurso, o “não dito”, aquilo que não se percebe explicitamente, e mesmo a postura de negação e enfrentamento diz respeito ao impacto da herança judaica, sobretudo, de sua literatura sagrada, a Torá. Parte considerável da linguagem do Alcorão bebe nas fontes das Escrituras do Antigo Testamento.

O profetismo possivelmente deixou impressões no autor do Alcorão e isso pode ser atestado nas recorrências das categorias, Mensageiro e Messias. Nesse ponto, Jesus é concomitantemente Messias e mensageiro, palavras que no Alcorão parecem ser equivalentes a “profeta”. A categoria “Seu Verbo” também

carrega esse sentido; de Jesus de ser o portador da mensagem de Allah. O conceito teológico joanino de *λόγος* (*logos*) não é apreciado e adquire, como visto, outro significado.

No caso específico do Alcorão, *λόγος* não se refere nem ao conceito grego antigo de “razão universal” abstrata, tão pouco ao sentido semítico apresentado no prólogo de João como revelação plena de Deus em Jesus, ou seja, o *λόγος* como pessoa. Como destaca a abordagem teológica de Hendriksen (2004), o significado joanino: “está radicado no pensamento semítico, e não no grego”. Lembrando que “Já no Antigo Testamento, a Palavra de Deus é representada como uma Pessoa” (HENDRIKSEN, 2004, p. 100).

Todas as categorias construídas na exploração da fonte estão conjugadas. Tudo sugere que são um tipo de munição retórica utilizada para desconstruir/reconstruir a imagem de Jesus de Nazaré. É filho de Maria, portanto, não é Filho de Deus. Não é um ser divino, pois a concepção monoteísta herdada dos judeus e possivelmente somada ao dualismo clássico dos platônicos e gnósticos não abre espaço para a divindade de Cristo, tão pouco para a doutrina da Trindade. Aliás, essa última, como categoria aparece apenas duas vezes no Alcorão sempre acompanhada de considerações críticas.

A primeira menção se refere justamente a dois *loci* clássicos; a Teontologia e a Cristologia, vejamos: “Crede, pois, em Allah e em Seus mensageiros e não digais: Trindade! Abstende-vos disso, que será melhor para vós; sabeis que Allah é Uno. Glorificado seja! Longe está a hipótese de ter tido um filho” (Sura 4.171). A segunda menção é ainda mais veemente. Destaca a unicidade de Allah, censura os trinitários e profere ameaça de punição. Na sequência nega explicitamente a filiação divina de Jesus destacando sua filiação materna e a condição limitadora de sua existência terrena. Diz-se:

São blasfemos aqueles que dizem: Allah é um da Trindade! Porquanto não existe divindade alguma além do Allah Único. Se não desistirem de tudo quanto afirmam, um doloroso castigo açoitará os incrédulos entre eles.

Por que não se voltam para Allah e imploram o Seu perdão, uma vez que Ele é Indulgente, Misericordiosíssimo?

O Messias, filho de Maria, não é mais do que um mensageiro, do nível dos mensageiros que o precederam; e sua mãe era sinceríssima. Ambos se sustentavam de alimentos terrenos, como todos. (Sura 5. 73-75).

Por fim, a suspeita encontrada no Alcorão de que Jesus não foi crucificado, mas confundido com outro que morreu em seu lugar, coloca em cheque a soteriologia cristã, a doutrina da morte vicária e substitutiva, a doutrina da redenção.

Esse ataque à fé cristã pode subtrair aquilo que Williams (2011) destacou como “alegre expressão de graças ao Deus onipotente” uma vez que por meio “seu Filho Jesus Cristo proveu um que recebeu tudo sobre si de maneira vicária. Daqueles que pertencem a ele, toda a culpa é removida, toda punição é abolida” (WILLIAMS, 2011, p. 225). Certamente a paráfrase de Atanásio (c. 296 – c. 373) assume aqui um significado denso, pois: somente um Deus que se fez homem pode substituir vicariamente outros homens, ou seja: se Cristo não é Deus, logo estamos todos perdidos, pois somente um Deus pode salvar a humanidade perdida (MCGRATH, 2005, p. 402).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho procurou explorar de forma introdutória as representações sobre Jesus Cristo sob à ótica do islamismo. Além disso, buscou entender os pontos de contato e possíveis divergências entre as representações sobre Jesus no cristianismo e no islamismo.

Inicialmente foi apresentada uma abordagem histórica sobre as origens do islã e de sua literatura sagrada que também foi a principal fonte da pesquisa. Ato seguinte discutiremos sobre a leitura ocidental sobre o islã no bojo da doutrina Bush e da reflexão sobre o orientalismo de Edward Said (1990). Por fim, o terceiro bloco apresentou a construção do objeto a partir das referências teórico-metodológicas utilizadas na pesquisa, ou seja, as representações sobre Jesus na perspectiva do Alcorão, possíveis encontros e desencontros.

A análise de Conteúdo aliada à Análise de Discurso permitiu a construção de um quadro categorial e subsequente inferências norteadas pela orientação teórica da pesquisa. O principal problema da pesquisa foi: quais representações sobre Jesus de Nazaré são encontradas no islamismo? Essas representações possuem pontos confluentes entre o cristianismo e o islamismo? Quais os pontos de tensão? A hipótese apresentada foi razoavelmente sustentada, pois se afirmou

que as representações sobre Jesus de Nazaré no islamismo são específicas, apresentando ao mesmo tempo semelhanças e diferenças em relação à fé cristã.

As semelhanças podem ser confirmadas no substrato que forneceu parte do imaginário e linguagem teológica apresentada no Alcorão, além disso, constatou-se as influências do judaísmo e do cristianismo sobre a autoria do livro sagrado do islã. As diferenças são substanciais, sobretudo verificadas na retórica de desconstrução/reconstrução da pessoa de Jesus de Nazaré e conseqüentemente das doutrinas cristãs fundamentais; a cristologia, a soteriologia e a doutrina da Trindade.

Nesse ponto uma revisitação ao conceito de Said (1990) de orientalismo, merece melhor apreciação, uma vez que a suposta “outra imagem do ocidente” construída pelo próprio ocidente, também seria válida no caso da elaboração dos imaginários do islã. Obviamente as fontes que nutriram tais imaginários também podem ser apresentadas como um reflexo no espelho, a construção da autoimagem a partir de referências judaico-cristãs.

De todo modo, ainda que se constate certo antagonismo aos princípios elementares da fé cristã, é de suma importância o entendimento das diferenças e das interpretações religiosas acerca de Jesus Cristo, seja pela ótica da fé cristã ou islâmica, com intuito de prover maior diálogo e abolir a “falácia do espantalho” que comumente se percebe em ambas as tradições. Isso significa abertura ao diálogo respeitoso que se arvora sobre o convencimento e não sobre imposições. A natureza do evangelho perpassa justamente a lógica do convencimento, admitindo que as boas-novas em Jesus são para todos os povos da terra.

Quanto aos limites deste trabalho, temos ciência de que a tarefa realizada não possui uma proposta definitiva, engessada, pelo contrário, espera-se desdobrar o tema em trabalhos futuros, tendo em vista que há muito a ser explorado, inquietações e problemas mal resolvidos e que certamente merecem melhor tratamento.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AITH, Marcio. **Bush coloca religião no centro da vida política. São Paulo:** Folha de São Paulo/Mundo, 23 de fev, 2003. Disponível em: <https://bit.ly/3HeQJk4>. Acesso em: 05 de dez. 2022.

AMADO, Marcos. **Respostas fáceis para perguntas difíceis? Maomé, o Alcorão e a influência dos textos judaico-cristãos.** São Paulo: Martureo/Centro de Reflexão Missiológica, 2019.

Bardin, L. **Análise de conteúdo.** Edição revista e ampliada. São Paulo: Edições 70 Brasil, [1977] 2016.

BAILEY, Kenneth E. **Jesus pela ótica do Oriente Médio:** estudos culturais sobre os Evangelhos. Trad. Carlos E. S. Lopes. São Paulo: Vida Nova, 2016.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada.** Almeida Revista e Corrigida. Trad. João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada.** Trad. João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. 2. ed. Barueri, 1993.

BONATTI, Nícia Adan. **Alcorão:** uma questão de tradução e leitura. Tradução & Comunicação: Revista Brasileira de Tradutores, nº. 22, Ano 2011, p. 149-165. Disponível em: <https://bit.ly/3VRM7Ej>. Acesso em: 05 de dez. 2022.

CARABALLO, Simon Alfredo. **Meu Grande Amor Por Jesus Me Conduziu Ao Islam.** 2014. Gharb Alnaseem. Disponível em: <https://bit.ly/3GvTGdL>. Acesso em: 28 set. 2022.

CHALLITA, Mansour. **O Alcorão.** Rio de Janeiro: Associação cultural internacional Gibran.

COSTA, Jéssica Pereira da. **O estudo da história do islã e dos muçulmanos na educação básica:** conceitos e representações. 2016. 107 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2016. Disponível em: <https://bit.ly/3QuBG8m>. Acesso em: 29 set. 2022.

GONZÁLEZ, Justo L. **História ilustrada do cristianismo:** a era dos reformadores até a era inconclusa. Trad. Itamir Neves et al. São Paulo: Vida Nova, 2011.

GRUDEM, Wayne. **Teologia sistemática.** São Paulo: Vida Nova, 1999.

HAMILTON, Andrew Douglas. **Introdução à Jesus um Profeta do Islam.** Prefácio. In: UR-RAHIM, Muhammad 'Atá. **Jesus Um Profeta do Islam.** 1998. Islamic Book Service. p. 7 a 9. Disponível em: <https://bit.ly/3Zs4fas>. Acesso em: 28 set. 2022.

HAYEK, Samir El (trad.). **Os Significados dos Versículos do Alcorão Sagrado.** Noida: Goodword Books, 2017.

WALKER, Wiliston. **História da Igreja Cristã.** Trad. Paulo D. Siepieri. São Paulo: ASTE, 2015.

WILLIAMS, J. Rodman. **Teologia sistemática:** uma perspectiva pentecostal. Trad. Sueli Saraiva e Lucy Hiromi Kono Yamakami. São Paulo: Editora Vida, 2011.

HENDRIKSEN, William. **O Evangelho de João**. Trad. Elias Dantas e Neuza Batista. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2004.

LIPKA, Michael. **Muslims and Islam: key findings in the u.s. and around the world**. Key findings in the U.S. and around the world. 2017. Pew Research Center. Disponível em: <https://pewrsr.ch/2Z3c4o0>. Acesso em: 21 nov. 2022.

MCGRATH, Alister E. **Teologia Sistemática, histórica e filosófica: uma introdução a teologia cristã**. Trad. Marisa K. A. de Siqueira Lopes. São Paulo: Shedd Publicações, 2005.

MACHADO, Fernanda. **Jesus, Pedro e Paulo: como o cristianismo passou de perseguido a influente**. Como o Cristianismo passou de perseguido a influente. 2022. Disponível em: <https://bit.ly/3VZS8OU>. Acesso em: 13 nov. 2022.

MUBARAK, Caleb. **Introdução ao islamismo**. Trad. Hellen Ramiro de Araújo. Sevilla: Junta de Missões Mundiais da Convenção Batista Brasileira, 2014.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. 12 ed. Campinas: Pontes Editores, 2015

PEREIRA JÚNIOR, Isaías Lobão. **A Doutrina da Trindade**. Disponível em: [http://www.monergismo.com/textos/trindade/trindade\\_isaias.htm#TOP](http://www.monergismo.com/textos/trindade/trindade_isaias.htm#TOP). Acesso em: 14 nov. 2022.

REDE SUPER DE TELEVISÃO. **Jesus segundo o Islã | 18/03/2019 | MENTE ABERTA**. Youtube 20 de mar. de 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3CBrUeG>. Acesso em: 07 set. 2022.

RESENDE, Erica. **Uma análise da doutrina bush no décimo aniversário do onze de setembro**. Boa Vista: Textos & debates, n.18, p. 7-18. Disponível em: <https://bit.ly/3P4JRaL>. Acesso em: 05 de dez. 2022.

RUIC, Gabriela. **Os números do islamismo, a religião que mais cresce no mundo**. EXAME. 2017. Disponível em: <https://bit.ly/3Zt9Z3J>. Acesso em: 04 set. 2022.

SAID, Edward W. Said. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. Trad. Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SOUSA NETO, Fábio de. **História da igreja II: história da igreja reformada, contemporânea e do movimento pentecostal**. Goiânia: Fasseb, 2021.

SOUSA NETO, Fábio de. **Tópicos Especiais em Teologia Sistemática: o Ser de Deus e os mandatos divinos**. Goiânia: Fasseb, 2023.

SOUSA, Rainer Gonçalves. **Alcorão**. 2022. Disponível em: <https://www.historiadomundo.com.br/arabe/alcorao.htm>. Acesso em: 29 set. 2022.

SILVEIRA, Breno Augusto. **JESUS SEGUNDO O ISLAM**. 2017. 32 f. TCC (Graduação) - Curso de Teologia, Faculdade Batista de Minas Gerais, Belo

Horizonte, 2017. Disponível em: <https://bit.ly/3CDgjfr>. 2017.pdf. Acesso em: 04 set. 2022.

SILVEIRA, Breno. **Jesus Cristo segundo o Islã**. 2021. Disponível em: <https://www.gospelprime.com.br/jesus-cristo-segundo-o-islã/>. Acesso em: 04 set. 2022.

SOARES, Patrícia. **A crença na vinda de um Messias está presente também no Islamismo**. 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3Xidp7B>. Acesso em: 04 set.

UR-RAHIM, Muhammad 'Atá. **Jesus Um Profeta do Islam**. 1998. Islamic Book Service. Disponível em: <https://bit.ly/3vSEuCK>. Acesso em: 28 set. 2022.